

O Jogo dos Tesouros

Heloisa Prieto



Ilustrações
Jan Limpens

edelbro

edelbra

© Jogo dos
Tesouros

edelbra

edelbra

edelb

bra

edelbra

edelbra

1ª edição, 1ª impressão

Coordenação Editorial: Elaine Maritza da Silveira
Projeto gráfico: Laura Guidali Amaral
Revisão: Renato Deitos

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P949j

Prieto, Heloisa, 1954-

O jogo dos tesouros / Heloisa Prieto ; ilustrações
Jan Limpens - 1. ed. - Porto Alegre, RS : Edelbra, 2014.
96 p. : il. ; 28 cm.

ISBN 978-85-66470-39-0

1. Literatura infantojuvenil brasileira. I. Limpens,
Jan. II. Título.

14-09570

CDD: 028.5

CDU: 087.5

2014

Edelbra

www.edelbra.com.br

Central de Atendimento:

51 2118 4404 | cae@edelbra.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida
ou copiada, por qualquer meio,
sem a permissão por escrito da editora.

LOGO FSC
preto e branco

Impresso no Brasil pela Edelbra Gráfica Ltda.

RESPEITE O DIREITO AUTORAL. REPRODUÇÃO PROIBIDA - LEI 9.610/98

Heloisa Prieto

© Jogo dos
Tesouros

Ilustrações
Jan Limpens

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

edelb

bra

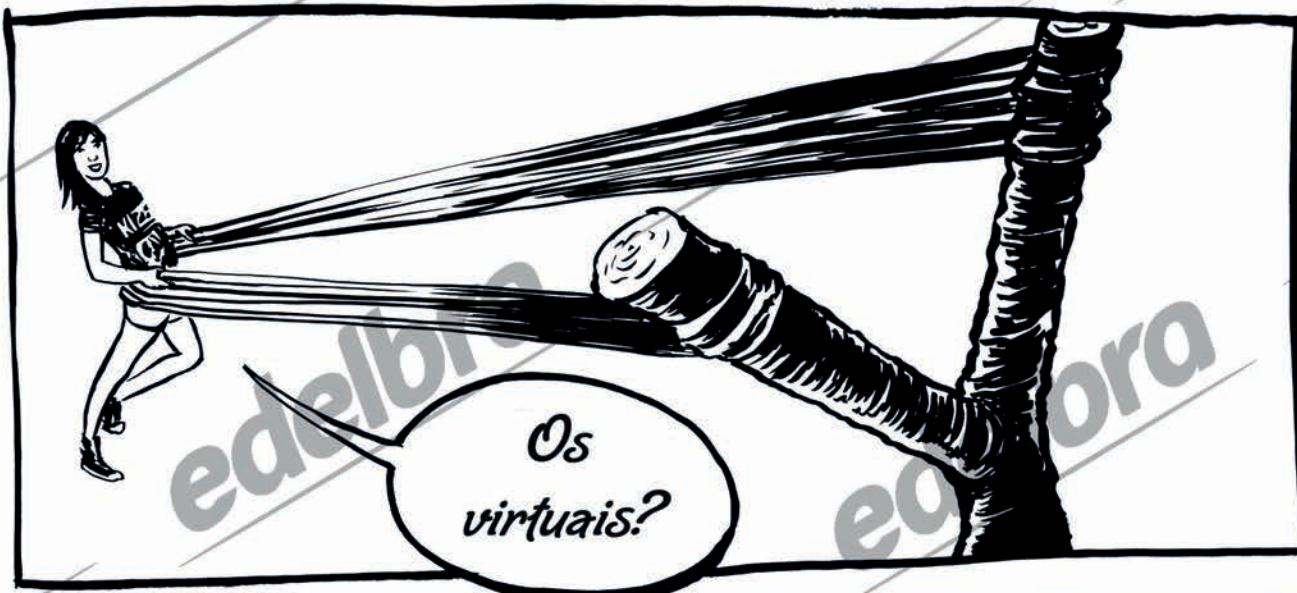
edelbra

edelbra

Quantos
jogos você
conhece?







O meu jogo é simples.

Ele não tem nome certo, vencedores ou perdedores, e só apresenta uma regra: prestar muita atenção. Se você conseguir decifrar o mapa do jogo, ganhará um prêmio bem simples: alegria surpresa. O prêmio pode ser um sorriso inesperado, um gesto de amizade repentino, ou, simplesmente, a sensação boa de estar contente com a vida!

Você acha que estou brincando?

Que é tudo bobagem? Perda de tempo? Invenção louca?

Nunca gostei de jogos de cartas ou de tabuleiro. Tinha preguiça de aprender as regras.

Às vezes eu passava pela Praça da República e via o pessoal entretido jogando xadrez. Os adversários batiam as mãos nos relógios, para cronometrar os lances.

Qual é a grande diferença entre ganhar e perder?

Ali, entre os jogadores de xadrez, não parecia fazer tanta diferença. O bom era essa conversa por meio do tabuleiro. Às vezes, eu ficava por perto só para prestar atenção nos comentários durante o jogo. Era como se os adversários se conhecessem cada vez mais a cada partida.



Já em outros jogos, é diferente.

No jogo de vôlei por exemplo. Quando o time perde, todo mundo se consola e fica até mais amigo. Mas nas competições individuais, como a natação, o vitorioso é visto como especial.

Sempre preferi perder a ganhar nos jogos de escola.

Quem perde ganha carinho, consolo e simpatia.

Perder é mais confortável, de certa maneira.

Mas, quando reparo nas festas em torno dos vencedores, fico em dúvida. Dá vontade de ser a primeira, sair por cima, ser diferente de todo mundo.

Como você vê a sua vida?

Vejo a minha vida como uma gangorra. O bom é brincar de mudar de lugar.





Bem, para ser sincera, é isso que eu digo a mim mesma sempre que acho que estou perdendo. E quando parece que estou ganhando também.

Dá medo ficar no alto da gangorra, não é verdade?

O certo seria ficar bem no meio.

Mas isso não é parado demais?

Chato?

Cansativo?

Sem emoção?

Como encontrar o lugar da gente? Como saber quando e onde parar?

Inventei então um jogo secreto.

Escrever para mim mesma. Desenhar para mim mesma. Marcar o que me acontece. Fazer uma espécie de mapa das coisas boas e ruins. Quando esse tabuleiro fica pronto, procuro as pistas para contornar os obstáculos. Percebo sempre que vou acabar conseguindo atravessá-los. E, por fim, fico animada com as coisas boas que vão aparecendo pelo caminho. Os gestos de amizade. Os dias ensolarados.

Meu conselho a você, que lê o que escrevo agora é simples: além da alegria e da tristeza, além da vitória e da derrota, está a vida. Você. É isso que mais importa.

Na escola tem gente que me chama de Marilouca.

O apelido foi inventado por minha inimiga número 1: Olga Damasco Pereira.

Olga diz que implica comigo por causa da minha esquisitice. Também porque, segundo a lei de Olga, não uso roupa de menina. Não sou do grupo da fofoca no banheiro. E mais uma lista de razões igualmente estúpidas.

– Por que você não reclama para a diretora do bullying que a Olga faz com você? – perguntou Arícia, minha melhor amiga.

– Por que você não reclama das piadas que ela faz com seu nome? – respondi.

– Eu gosto tanto do meu nome que nem ligo. Arícia é o nome de uma princesa de Atenas.

Olga vive dizendo que os pais de ARÍCIA erraram na certidão. Trocaram o L, de Alice, por R. Na visão dela. Ninguém pode ter um nome que não seja “normal”. Ou, nas palavras dela, um bom nome de menina.

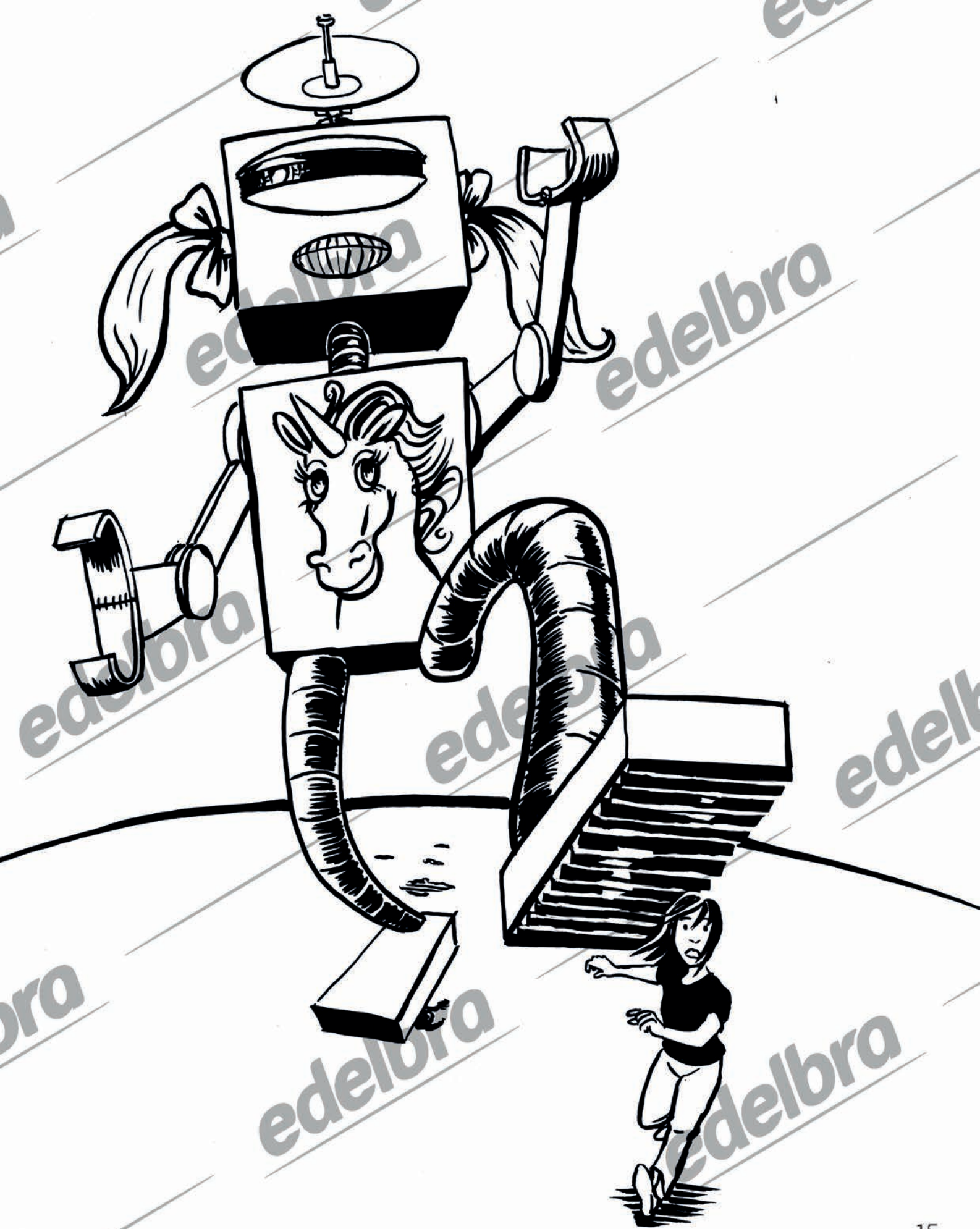
Olga atormenta quem quer que seja.

A lista de regras de coisas “normais” para uma menina, segundo Olga, é mais ou menos assim:

- andar em turma;
- viver no shopping;
- vestir muito cor de rosa;
- fazer piadinhas maldosas;
- ler livros que imitam diários de meninas o tempo todo;
- fazer muito bullying com as pessoas que não são o espelho dela.

Quando Olga dá início à perseguição, a gente descobre num minuto.

Isso porque, juro, quando ela cisma de atormentar, a gente encontra a Olga em toda esquina, nos corredores, banheiro, hora da saída. Ela vira uma mistura de fantasma com cão policial. Uma figura detestável, mesmo com as roupas cor suave, os perfumes, os cabelos longos, as muitas pulseiras, a voz fininha cantarolada e tudo aquilo que se diz ser “normal” numa garota.



No meu desenho secreto do mapa do tesouro da vida, o território da Olga se chama:

O pântano da mesmice.

Se a gente consegue escapar dele, ainda não fica livre, porque pode cair em outra enrascada:

O labirinto das línguas maldosas.

A única saída para o terceiro obstáculo é:

A ponte da indiferença.

Na verdade, Olga passou a reparar em mim logo depois que minha redação foi premiada. Escrevi “O Jogo do Tesouro Secreto” meio à toa. A professora pediu um texto e disse que o tema era livre. Como andava pensando em jogos e indo muito à Praça da República, no centro da cidade, antes de passar na galeria do rock para ver camisetas, fiz a redação. Levei um susto quando a professora disse que tinha adorado o texto. Quando ela leu em voz alta. Quando ela o publicou no blog da escola. Na mesma semana, vários colegas vieram me cumprimentar no corredor; outros mandaram mensagens no meu facebook, pedindo amizade. Pela primeira vez, eu, Marinês, filha única, que tenho poucos amigos, que adoro ficar calada, virei popular da noite para o dia.

A vida é louca mesmo. Se ganhei muitos amigos, junto veio também uma grande inimiga número 1: Olga. Não sei se foi inveja, espírito de competição exagerada, ciúmes. Penso que pode ter sido irritação. Porque sou diferente dela. Porque sou do jeito que sou. Sem produção. E mesmo assim, por causa de um texto e de um desenho, as pessoas vieram falar comigo. De qualquer modo, uma semana depois do sucesso da minha redação, no meio da aula, Luzia, a garota que senta atrás de mim na classe, passa um papel para mim.

O jogo do tesouro perdido

* Regra número 1.

GANHAR é sempre melhor do que PERDER!

* Regra número 2.

NINGUÉM gosta de ficar por baixo!

* Regra número 3.

Quem diz que não liga em ser o melhor MENTE!

* Regra número 4.

TER é sempre melhor do que não ter!

* Regra número 5.

Quem diz que prefere só ser M.E.N.T.E.!!

* Regra número 6.

O jogo da vida é simples e claro: Quem diz que é diferente mente. Perde! É esquecido. NUNCA fica feliz de verdade.





O texto era anônimo, mas eu e minhas amigas sabíamos que era coisa da Olga.

Era estranho... parecia uma campanha publicitária sinistra. Dava medo. Aos poucos, ele foi ganhando espaço nos blogs e facebooks. Muita gente concordava com as leis da Olga. Nós tivemos certeza de que a declaração era dela quando Olga voltou a circular com a mesma arrogância de sempre.



O Jogo dos Tesouros

Quantos jogos você conhece? Amarelinha? Esconde-esconde?
Prefere os radicais? Os virtuais?

O jogo dos tesouros não tem vencedores nem perdedores.
É preciso estar muito atento para decifrar o mapa, perce-
ber os sinais. O prêmio é simples (mas valioso). Um minu-
to de alegria. Boas risadas. Um sorriso secreto. Satisfação
pessoal e intransferível. Ou felicidade coletiva. A chance de
recomeçar.

Basta decifrar o mapa.
E perceber os sinais.



edelbra

ISBN 978-85-66470-39-0



9 788566 470390